

A Encyclopédie de Diderot: De Tratado a álbum ilustrado. Observações sobre os riscos de interpretações editoriais*

Cecilia Helena de Salles Oliveira
MP/Universidade de São Paulo

Dentre as obras produzidas ao longo do século XVIII *L'Encyclopédie ou Dictionnaire Raisonné des Sciences, des Arts et des Métiers* certamente ocupa lugar especial. Referência básica no estudo das sociedades francesa e europeia do Antigo Regime, expressa o desígnio ambicioso de homens eruditos dispostos, como afirmou Diderot no "Prospectus", a "traçar um quadro geral dos esforços da mente humana, em todos os gêneros, em todos os tempos", reunindo de modo encadeado os "conhecimentos dispersos pela superfície da terra".

Os pensadores que participaram de sua feitura souberam destilar aguda crítica às instituições e às práticas políticas de sua época, atuando como interlocutores nas lutas sociais em curso. Talvez, por essa razão, o brilho e o artil das palavras ali contidas tenham recebido tratamento privilegiado em detrimento das gravuras complementares aos verbetes.

É verdade que, em livros dedicados à história das técnicas, tornou-se comum a reprodução, fragmentária e pontual, de algumas dessas estampas. Geralmente aparecem na condição de suportes visuais, dando concretude à longas explicações. Os desenhos de moinhos movidos à água, por exemplo, têm sido empregados nas explicações concernentes ao uso da energia natural. O mesmo ocorre com a já famosa gravura de um engenho de açúcar, sempre lembrada quando o objetivo é detalhar o funcionamento de manufaturas nas regiões coloniais, entre os séculos XVII e XVIII.

Uma edição recente - e bastante seletiva - de *L'Encyclopédie*¹ serve de parâmetro para avaliar outro tipo de tratamento dado às ilustrações. No entanto, também neste caso, verifica-se o esgarçamento de seu sentido original.

* Na elaboração deste texto foram de grande valia as sugestões do Prof. Ulpiano Toledo Bezerra de Menezes a quem agradeço pela leitura crítica e pelo empenho em acompanhar minhas pesquisas em torno do universo de trabalho na sociedade brasileira do século passado.

1. A DIDEROT PICTORIAL ENCYCLOPEDIA OF TRADES AND INDUSTRY. 485 Plates selected from *L'Encyclopédie* of Denis Diderot. Edited with introductions and Notes by Charles Gillespie. New York: Dover Publications Inc./C. 1959 /2 vols. 920p.

Os dois volumes organizados pela editora Dover e pelo professor Charles Gillespie, da Universidade de Princeton, publicados pela primeira vez em 1959 e recentemente reimpressos, condensam significativa parcela dos desenhos que Diderot associou aos verbetes referentes às "artes mecânicas" e às "manufaturas".

O conjunto de reproduções integra o "Dover Pictorial Archive", série de álbuns dedicados à divulgação das mais variadas manifestações figurativas, incluindo desde estilos arquitetônicos até motivos chineses e moldes de entalhes em madeira. A apresentação das 485 pranchas selecionadas, em edição atraente e requintada, revela tanto interesses comerciais quanto a intenção de atingir um público especial, formado por artistas, engenheiros, profissionais da indústria, desenhistas e publicitários que nelas encontrariam, de acordo com o editor, inspiração para confeccionar diagramas, anúncios, capas de livros e embalagens.

Os critérios que presidiram a escolha das estampas bem como o conteúdo dos textos que as acompanham convidam a uma reflexão a respeito da maneira pela qual uma obra do porte de *L'Encyclopédie*, produzida em momento histórico particular, acabou se prestando a fins que, seguramente, não faziam parte dos horizontes de seus idealizadores.

Quando do início da impressão, em 1751, fora acordado que *L'Encyclopédie* seria composta por oito volumes de textos e dois de pranchas, abrangendo cerca de seiscentas ilustrações. Todavia, à medida em que avançava o trabalho dos vários colaboradores, o número de volumes previsto praticamente triplicou. Em 1780, quando a obra foi dada por encerrada, tinham sido editados dezessete volumes de textos, cinco de suplementos, dois de índice geral e onze que reuniam perto de três mil estampas.

Cabe lembrar que, no entendimento de Diderot e D'Alembert, as ilustrações eram essenciais e respondiam ao princípio de expor ao público a gênese, o caráter e o "estado presente" das ciências, das "artes liberais" e das "artes mecânicas". Justificando-as, D'Alembert argumentava, no "Discours Préliminaire", que "uma olhada ao objeto ou à sua representação diz mais do que uma página de exposição". Verbetes e gravuras foram impressos em volumes separados, mas subordinavam-se à hierarquia ordenadora dos diferentes ramos do saber, obedecendo rigorosamente ao arranjo que aliava a ordem alfabética à ordem enciclopédica.

Esse distanciamento espacial sugere que palavras e figuras se referiam à dimensões simbólicas diferentes. As estampas não constituíam um "espelho" dos textos, mesmo porque pertenciam ao campo da "imaginação", capacidade humana que, juntamente com a "memória" e a "razão", conformavam o "sistema de conhecimentos" do qual *L'Encyclopédie* pretendia ser a guardiã.

Nesse sentido, as gravuras, enquanto expressão da "poesia narrativa", comprovavam a crença, partilhada por Diderot e D'Alembert, no "progresso" da arte. O refinamento gráfico, a perfeição de traços e a sensibilidade estética foram recursos utilizados para retratar, com leveza e graça, o mundo de artifícios e fetiches que os homens criaram em torno de si próprios. Simultaneamente, porém, segundo D'Alembert, às pranchas caberia registrar

conteúdos e detalhes que, se tratados nos verbetes, os tornariam monótonos e cansativos. Assim, os enciclopedistas estabeleceram uma complementaridade entre representações verbais e representações figurativas, sem que umas pudessem ser redutíveis às outras.

Os verbetes referentes às "manufaturas", por exemplo, discorrem sobre o significado deste vocábulo, constróem tipologias e descrevem processos de fabricação. Mas, foram elaborados com o claro intuito de demonstrar a "utilidade" das diferentes produções manufatureiras, seja no tocante à ampliação de mercadorias destinadas ao consumo, seja no que tange à sobrevivência de camponeses e trabalhadores pobres que delas dependiam. Além disso, seus autores não perdiam a oportunidade de criticar as circunstâncias que obstavam o desenvolvimento dessas atividades, sugerindo medidas que pudessem dinamizá-las.

Em contrapartida, se as ilustrações reforçavam o pressuposto, inscrito nos verbetes, de que o trabalho e a divisão social do trabalho eram as fontes da riqueza das sociedades, constituíam um instrumento eficiente para introduzir o leitor no universo da produção, por intermédio do *imaginário*. Nem sempre visível, esse espaço das relações produtivas foi revelado à esfera pública através de representações visuais que devassaram o movimento no qual homens, mulheres e máquinas se entrelaçavam no esforço da fabricação/reposição de gêneros e objetos indispensáveis às necessidades materiais da vida.

Na composição de *A Diderot Pictorial Encyclopedia*, o editor não preservou a classificação original. Optou por agregar gravuras, recolhidas de diversos volumes, relacionando-as a uma mesma matéria-prima ou a um mesmo setor de produção. Reordenadas, aparecem sob denominações como "têxteis", "indústrias extrativas", "agricultura" e "papel", entre outras. O cuidado em mencionar os volumes e verbetes aos quais se vinculavam, não impediu que se transformassem em modelos formais, passíveis de apropriação tanto para finalidades eminentemente estéticas quanto para compor um panorama das técnicas e processos de fabricação supostamente empregados no século XVIII.

Foi esta última perspectiva, aliás, que iluminou as reflexões introdutórias redigidas por Gillespie. Preocupado, inicialmente, em discutir a singularidade e a marca inovadora do projeto dos enciclopedistas, apontou as vicissitudes experimentadas por eles, relatou os conflitos que os indispuseram com as autoridades da época e esboçou - com inegável admiração - o perfil de Diderot, a quem atribuiu o êxito do empreendimento.

Seu objetivo, no entanto, foi o de demonstrar o valor das estampas no tocante à compreensão das condições técnicas e de trabalho vigentes na Europa no período imediatamente anterior ao da Revolução Industrial. Conferindo às imagens o poder de elucidar aspectos intangíveis às descrições verbais, o autor parece convencido de que Diderot e seus auxiliares haviam espreitado, com "exatidão", todos os meandros da sociedade e da cultura de seu tempo. Por intermédio desses pressupostos, outorgou às figuras a capacidade de desvelar os segredos dos mais diferentes ofícios, articulando uma relação direta entre ciência, aperfeiçoamento tecnológico e modificação "racional" dos processos de trabalho, fatores que teriam impulsionado a industrialização.

Os comentários que acompanham cada reprodução seguem essas mesmas direções. Desconsiderando os verbetes, Gillespie entremeia referências à Revolução Industrial com observações que visam a ressaltar o pretense "anacronismo" das técnicas apresentadas, por exemplo, nas gravuras sobre a fiação e a tecelagem. Na maior parte dos textos, entretanto, predominantemente descreve, em palavras, aquilo que as figuras evidenciam, como se estas constituíssem um registro "realista" de circunstâncias vivenciadas no passado.

Presumir que os enciclopedistas tenham formulado uma obra "neutra" significa reiterar, sob outros moldes, uma das premissas fundadoras da prática científica moderna: a suposta relação de exterioridade entre o analista que produz o saber e os "objetos" que deseja estudar. Por essa via, dissolvem-se os nexos que articulam ação e pensamento e, em conseqüência, representações forjadas em um momento histórico singular aparecem na condição de "fenômenos".

As ilustrações sofreram, assim, profunda inversão de sentido, posto que interpretadas como sinônimos do "real" e como "objetos estéticos" propícios à circulação e ao consumo. Perderam a significação que os enciclopedistas lhes conferiram: possibilitar a apreensão de todos os "conhecimentos dispersos pela terra", o que somente poderia ser feito pela mediação de representações. Enquanto conceitos e palavras instrumentalizaram o pensamento e desencantaram o mundo, as ilustrações aguçaram o olhar, sacralizando a ação criadora do homem.

Os comentários que acompanham cada reprodução seguem essas mesmas direções. Desconsiderando os verbetes, Gillespie entremeia referências à Revolução Industrial com observações que visam a ressaltar o pretensão "anacronismo" das técnicas apresentadas, por exemplo, nas gravuras sobre a fiação e a tecelagem. Na maior parte dos textos, entretanto, predominantemente descreve, em palavras, aquilo que as figuras evidenciam, como se estas constituíssem um registro "realista" de circunstâncias vivenciadas no passado.

Presumir que os enciclopedistas tenham formulado uma obra "neutra" significa reiterar, sob outros moldes, uma das premissas fundadoras da prática científica moderna: a suposta relação de exterioridade entre o analista que produz o saber e os "objetos" que deseja estudar. Por essa via, dissolvem-se os nexos que articulam ação e pensamento e, em conseqüência, representações forjadas em um momento histórico singular aparecem na condição de "fenômenos".

As ilustrações sofreram, assim, profunda inversão de sentido, posto que interpretadas como sinônimos do "real" e como "objetos estéticos" propícios à circulação e ao consumo. Perderam a significação que os enciclopedistas lhes conferiram: possibilitar a apreensão de todos os "conhecimentos dispersos pela terra", o que somente poderia ser feito pela mediação de representações. Enquanto conceitos e palavras instrumentalizaram o pensamento e desencantaram o mundo, as ilustrações aguçaram o olhar, sacralizando a ação criadora do homem.